

TEIXEIRA, Marcos Vinícius. *Aníbal Machado: um escritor em preparativos*. 1 ed. Sabará: Museu do Ouro/Ibram, 2022, 473p.

MAGRI, Dirceu¹

Vivemos impregnados por imagens, sejam elas ultra modernas, nas versões ditas inteligência artificial dos avatares que povoam as redes sociais, sejam impressas em cromos sépia, como a foto que ilustra a capa de *Aníbal Machado: um escritor em preparativos*, de Marcos Vinícius Teixeira. A imagem, cujo matiz se altera do cinzento acastanhado ao marrom oliváceo escuro, é eclipsada pelo preto da vestimenta da personagem, que preenche a quase totalidade do retrato em estado silencioso, inelutável, imprimindo à efígie algo nobre e, de certa forma, despertando o interesse do leitor. Este, ao se aventurar por *Aníbal Machado: um escritor em preparativos*, tem à sua frente uma obra cujo título revela-se duplo. Iniciado o percurso, notará não só a profunda e extensa pesquisa realizada pelo professor Marcos Vinícius Texeira, mas a qualidade da sua escrita, que oscila entre a crítica literária e a biografia intelectual, haja vista a obra de Aníbal Machado ser permeada por elementos autobiográficos. Assim, dúbio, o aposto “escritor em preparativos” sugere não só a ideia de uma personalidade inacabada, em constante aprimoramento, como também a de uma produção não terminada, inconclusa. E é justamente esse o *leitmotiv* revisitado por Teixeira, qual seja, a compreensão da obra de arte como algo *inacabado*.

Aníbal Machado: um escritor em preparativos, publicado em comemoração ao jubileu de 75 anos do Museu do Ouro, com sede em Sabará/MG, ganha relevância não só por se tratar de uma obra voltada à crítica literária, gênero alheio ao universo e à história da instituição, mas sobretudo por ser a primeira obra crítica sobre a produção de Aníbal Machado, contista dos

¹ Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) e Université Paris I-Panthéon Sorbonne; Membro da SFEDS – Société Française d’Étude du Dix-Huitième Siècle; pesquisador do GRUPEBRAE – Grupo de Estudos Brasil-França (IEA-SP); Pós-doutorado (Bolsista PNPd) na Universidade Federal de Viçosa-UFV; autor de *Borboletas e Colibris em sobrevoo*: presença francesa nas crônicas machadianas (Editora FAP-Unifesp, 2016) e *Voltaire, percurso pelos trópicos* (Editora Vermelho-Marinho, 2020).

bons, nascido em Sabará, às margens do Rio das Velhas, e que Otto Maria Carpeaux lista entre um dos maiores do século.

Logo no início, antes de adentrar as considerações de Teixeira, o leitor é apresentado a uma cronologia que o ajudará na descoberta do insigne escritor; é nesse instante que começa a percorrer a trilha que o levará à totalidade do itinerário de Aníbal Machado, seu trajeto pessoal, suas veredas artístico-literárias e suas relações intelectuais, tudo isso complementado por um conjunto de imagens pessoais do escritor e de sua família, de modo que a exposição desse material, ainda que reduzido, adensa no espírito do leitor a imagem da capa, tornando Aníbal Machado alguém próximo de si, agora, simplesmente Aníbal. Ao longo do caminho, vale ressaltar, o leitor terá em Teixeira a companhia de excelente guia a conduzi-lo por manuscritos inéditos, contos, novelas, textos inacabados, correspondências, os *Cadernos de João* e *João Ternura* e muito mais.

Na parte dedicada à introdução, Teixeira nos apresenta um Aníbal propulsor de suas hipóteses investigativas, quais sejam, “o homem em preparativos, o inacabado, o retorno ao espaço da infância, o vagabundo na cidade grande, o viajante de passagem pelo interior, a mulher como mito fulgurante, a cultura popular, o insólito e o diálogo com as artes”, topoi que na obra do escritor mineiro se ampliam enquanto constitutivos de sua expressão artística. A introdução largamente elaborada por Teixeira não só dá conta das interlocuções literárias de Aníbal com os surrealistas, mas o coloca como figura importante do modernismo brasileiro, razão pela qual traz de arrasto o oportuno comentário de Rui Morão quando este afirma que, se *João Ternura*, iniciado na década de 1920, não tivesse permanecido inacabado até a década de 1960, quando será publicado, o romance poderia ter se inscrito como importante obra no rol dos prosadores mineiros, o que, segundo Teixeira, teria dado ampla visibilidade ao livro e ao autor, um tanto avesso à exposição. Não à toa, Aníbal, que foi convidado a escrever a sua autobiografia sem sequer ter publicado um só livro, na introdução de *João Ternura* afirma que “a publicidade involuntária, que o livro recebeu antes de terminado, deixou atemorizado o autor”.

Na sequência, Teixeira, ao discorrer sobre o inacabado da arte e arrazoar sobre o tema, elenca escritores e teóricos como Mário de Andrade e Adorno, antecipando suas considerações sobre a “inacababilidade” de *João Ternura*, cuja escrita se move no esboço da incompletude,

espaço em que Aníbal dilapida expressões, pule arestas e saí em busca do *mot juste* – em breve remissão a Flaubert, caracterizando-se, segundo Teixeira, como “um autor marcado pelo espírito crítico, sempre preocupado em ‘fazer melhor’, que interrompia a escrita de seus livros, reescrevia, engavetava e às vezes deixava o texto inconcluso”.

Ao se debruçar sobre a correspondência e os manuscritos de Aníbal, Teixeira comenta sua biblioteca e aponta a presença de surrealistas como Apollinaire, Artaud, Michaux e Éluard, que teriam influenciado sua produção, a exemplo do conto “O rato, o guarda-civil e o transatlântico”, marcado pelo sonho, o insólito, o devaneio e a inspiração. Não bastasse isso, vale ressaltar as declarações “surrealistas” de Aníbal, afinal, do seu entreviro com Menotti del Picchia resulta uma tirada irônica, quando, por telegrama, tascou-lhe essa:

“Menoti não conhece o surrealismo.

Eu não conheço Menoti.”

Le Diderot

Teixeira discorre sobre Aragon, guia o leitor pelo “Manifesto do surrealismo”, “As confidências dos loucos, passaria minha vida a provocá-las” e *Nadja*, de Breton, desvelando de modo notável as imbricações intertextuais de Aníbal com os surrealistas e, ao tratar do sonho, traz de arrasto Freud, haja vista um dos procedimentos de escrita do escritor mineiro era anotar os sonhos que tinha. A título de exemplo, vale a pena retomar um trecho analisado por Teixeira, em que Aníbal descreve como encontrou o livro *Locus solus*, de Raymond Roussel, um dos precursores do surrealismo. O relato reproduz uma realidade peculiar, em que se misturam informações próprias do escritor, como a chácara em que passara a sua infância em Sabará, a falta de dinheiro para a aquisição do livro etc. e seu encontro com Roussel, que surge montado em um cavalo. Emergem do relato características próprias da estética surrealista, tais como a reprodução de elementos do inconsciente e a presença de imagens oníricas e ilógicas, que ensejam sobre os desejos ocultos – ainda que seja a simples aquisição de um livro. Ao final de suas considerações, Teixeira transcreve a nota que Aníbal escrevera no fim do texto, comprovando seu hábito de registrar os sonhos:

Este sonho foi durante uma sesta após o almoço, no mesmo quarto onde, um mês e meio antes, me viera o sonho da noite de 29 de maio. A figura de Roussel que nele aparecera não confere absolutamente com o único retrato que conheço do poeta, tal como figura na antologia de A. Breton.

O capítulo 1, cujo título reproduz o aposto “homem em preparativos”, versa sobre o fazer literário de Aníbal. Aqui, Teixeira reflete sobre os *Cadernos de João*, publicados em 1957, sem, contudo, deixar de trazer informações sequenciadas sobre a produção do escritor mineiro e alertar o leitor sobre o seu acervo, espalhado por diferentes partes do país, algo que não passará despercebido ao leitor *expert* ou interessado em crítica genética, haja vista Aníbal, em seu constante exercício de reescritura, ter preservado seus manuscritos. Não bastasse isso, Teixeira reproduz páginas dos manuscritos garimpados em acervos particulares, como o do professor Raúl Antelo, provocando a curiosidade dos amantes da crítica genética – fica a dica. Aliás, vale destacar que, de certo modo, o próprio Teixeira adentra este gênero de crítica ao analisar, por exemplo, “A área reclamada”, cotejando as diferentes versões desse texto inacabado e inédito. Na mesma toada, seguem as análises de “Viajante sem passaporte” e “A morte e outras catástrofes”, seguidas de um alentado e vigoroso estudo sobre o inacabado nos subcapítulos “Destruição e reconstrução” e “Integração com o universo”. Neste último, Teixeira explora até mesmo entrevistas concedidas por Aníbal, em que temas como “a relação do artista com sua época, o surrealismo, o papel da crítica literária, a influência da literatura estrangeira, a necessidade de uma política voltada para a educação, as artes e a cultura” vieram à tona em seu bate-papo com Jones Rocha, do jornal *A Manhã*.

O capítulo 2, “Diálogo com as artes”, Teixeira detém-se a examinar a relação mantida por Aníbal com as mais variadas expressões artísticas, tratando sobretudo do diálogo mantido pelo escritor mineiro com as personalidades literárias de sua época, de modo que emergem de sua correspondência nomes como Cyro dos Anjos, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Monteiro Lobato, Murilo Mendes, Mário de Andrade, Cândido Portinari, Oswaldo Goeldi e outros, algo que, convenhamos, desperta o interesse de qualquer estudioso em epistolografia. Afora isso, também vem à tona as interlocuções de Aníbal com as artes

plásticas, em especial seu diálogo com a fase metafísica do pintor italiano Giorgio di Chirico, cujo ápice é um subcapítulo intitulado “O comparecimento dos chapéus”, no qual Teixeira trata do protagonista de “O desfile dos chapéus” sob a ideia do inacabado presente na personagem. Na sequência, diferentes textos são analisados sob o prisma da incompletude, mas sempre justapostos a diferentes expressões artísticas como a música, a dança e o cinema, a exemplo de “O piano”, “A morte da porta-estandarte”, além dos filmes *Esse Rio que eu amo*, *Viagem aos seios de Duília* e *O menino e o vento*, realizados pelo diretor argentino Carlos Hugo Christensen, baseados na obra de Aníbal, sem contar *Tati*, de 1973, dirigido por Bruno Barreto e também baseado em uma história de Aníbal. O leitor se depara ainda com uma extensa análise dos textos encontrados em um caderno intitulado “Praça Onze”. O menor deles, alerta Teixeira, continuou a ser chamado de “Praça Onze”, já o maior, em versão datilografada hoje depositada no Acervo dos Escritores Mineiros da UFMG, recebeu o nome de “A morte da porta-estandarte”, revelando o criterioso trabalho de pesquisador empreendido pelo professor Marcos Vinícius Teixeira.

O capítulo 3, “Três vilarejos: travessias”, discorre sobre diferentes contos nos quais há implícita a ideia de deslocamento e cujas narrativas resvalam a fronteira do real e do insólito. O subcapítulo intitulado “O Engenheiro” comenta “O iniciado do vento”, que se tornaria filme, dirigido por Carlos Hugo Christensen sob o nome de “O menino e o vento”. José Roberto, o protagonista, é encarregado de construir uma ponte em um pequeno vilarejo cujo nome não sempre lembra, mas que suas reminiscências associaram ao vento. No desenrolar da narrativa, Aníbal constrói um enredo que explora o prosaico, o cotidiano, um misto de insólito que leva José Roberto a conhecer Zé da Curva, o garoto que lhe apresentará o vento. O segundo subcapítulo, “O funcionário público”, detém-se na análise de “Viagem aos seios de Duília”, em que o protagonista, José Maria, funcionário público recém-aposentado, empreende uma viagem vista como alegoria da busca de si mesmo. Na terceira parte deste capítulo, “O Tropeiro”, Teixeira comenta “O defunto inaugural – relato de um fantasma”, conto em que a morte assume o protagonismo não só do enredo, mas sobretudo de uma reflexão ali materializada sob o matiz do fantástico-maravilhoso, do insólito, do inusitado e do pasmoso da morte que tenta se agarrar ao que há de mais vivo e terreno. Segundo Teixeira, o conto entretece uma alegoria às reflexões de Aníbal sobre a morte presentes nos *Cadernos de João*, e, acrescentamos, à ideia do

Gláuks: Revista de Letras e Artes- jul-dez,2022-ISSN: 2318-7131-vol.22, nº 3 274

inacabado, tema que permeia toda a obra de Aníbal, porém, de modo inverso, haja vista a busca da “perenidade da consciência” revelar-se algo inalcançável, por isso, improvável na sua completude.

Por fim, o capítulo 4, “João Ternura: a experiência das ruas” versa sobre o romance *João Ternura*, que dialoga com os *Cadernos de João* e que Aníbal teria começado a redigi-lo por volta do ano de 1922, mas que seria publicado somente no ano de 1965 por Carlos Drummond de Andrade, portanto, obra póstuma, haja vista Aníbal ter falecido em 1964. Segundo Teixeira, “apenas iniciada, a obra já era situada de antemão ao lado de *Memórias sentimentais de João Miramar*, de Oswald de Andrade, *Macunaíma*, de Mário de Andrade, e *Cobra Norato*, de Raul Bopp. A expectativa criada em torno de João Ternura parece ter sido um dos motivos para o engavetamento da obra”. Sem dúvida, *João Ternura* configura-se no exemplo mais insigne do objeto largamente desenvolvido por Marcos Vinícius Teixeira em sua obra dedicada a Aníbal Teixeira, qual seja o *inacabado da arte* que adentra o próprio homem. Sobre *João Ternura*, Teixeira argumenta que “episódios de sua infância e de outras épocas de sua vida aparecem ficcionalizados no livro permit[indo]-nos afirmar que à medida que vivia ia colhendo na própria vida elementos para a construção ficcional, ia, portanto, alterando a obra. Como Aníbal Machado tomava a vida como algo em constante construção, e o homem como um ser sempre em preparativos, *João Ternura*, que ia sendo refeito e reinventado ao longo do tempo, corria o risco de nunca alcançar o fim e permanecer inacabado”.

Nessa lógica, arriscamos acrescentar que uma vida bem-sucedida, seja aquela de um artista, seja a de um homem, é uma dialética entre o desejo e a suspeita, o medo e o entusiasmo e isso parece ser o que percorre não só a produção de *Aníbal Machado*: um escritor em preparativos, mas sua própria vida, revelando uma sub-reptícia tensão existencial que Marcos Vinícius Teixeira soube materializar de forma notável em sua obra dedicada ao escritor mineiro.

Vale destacar que embora a obra tenha como público alvo o pesquisador e o estudioso da área de letras e de literatura, o leitor comum, aquele que pensa a leitura como um espaço erótico, de fruição e gozo, quiçá permeado pelo excesso, terá nela um convite à ficção de Aníbal Machado, um convite ao prazer da leitura. Sobre o autor, vale ressaltar que sua escrita clara, cursiva, é apenas um dos destaques da obra, diante do profundo conhecimento revelado por seu trabalho, resultado de uma pesquisa de longa data, haja vista Marcos Vinícius Teixeira, hoje

professor na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) já ter produzido farto material sobre Aníbal, entre dissertação, tese e numerosos artigos, portanto, ao se aventurar por *Aníbal Machado*: um escritor em preparativos, o leitor caminha ao lado de um guia experimentado capaz de convencê-lo a não mais olhar aquela efígie da capa com tanta reverência, o Aníbal Machado, mas tratá-lo pura e simplesmente como Aníbal, prova de que nada está *acabado* e que nem mesmo a morte nos impede de fruir de uma boa leitura ao lado de novos amigos de antanho.